



ECOMAMOR: A GESTÃO COLETIVA DE MULHERES NA PRODUÇÃO DE HORTAS AGROECOLÓGICAS EM GOIÂNIA¹

MORAES, Bárbara Moraes²; OLIVEIRA, Elismênia Aparecida³; SILVA, Gabriela Peixoto Vieira⁴; MENDONÇA, Jordana Carlos de⁵; CHARALABOPOULOS, Melina Repezza⁶; ALMEIDA, Rayana Ribeiro de⁷

² Mestre em Artes Visuais - UFRGS, barbaramaster@gmail.com ;

³ Doutoranda em Sociologia, UFG, mennalis@gmail.com;

⁴ Doutoranda em Sociologia, UFG, gabrielapvs@gmail.com;

⁵ Mestre em Direito, Relações Internacionais e Desenvolvimento, PUC-GO, jordana89@hotmail.com;

⁶ Graduada em Arquitetura e Urbanismo, PUC-GO, melinarch@gmail.com;

⁷ Graduada em Psicologia, UFG, rayana.rbr@gmail.com

RESUMO

Neste trabalho refletimos sobre os temas de solidariedade entre mulheres, resistência e criatividade na promoção de atividades agroecológicas em contextos urbanos. Por meio do estudo da ONG EcomAmor, fundada em 2016, como uma proposta coletiva e gratuita da promoção da igualdade social, analisamos suas ações como atividades de resistência na promoção de novas posturas frente a relação com natureza e alimentação.

PALAVRAS-CHAVE: Horta urbana; voluntariado; agroecologia; solidariedade entre mulheres

INTRODUÇÃO

Para que a produção de ações de mulheres, ou elas mesmas, seja lida ou nomeada como 'feminista' existem duas possibilidades, a primeira, e preferencial, ocorre com a autonegação, a segunda ocorre com a nomeação externa dessas ações, por parte da comunidade que reconhece o grupo, ou as atividades dessa forma. No caso da Organização não Governamental EcomAmor, o segundo caso se aplica, já que a autodescrição do grupo, em seus canais de divulgação, não traz uma declaração identitária com feminismo, mas não abrem objeções quando convidadas a pensar sobre sua relação com 'feminismo', e apresentam que a 'solidariedade' tem sido um ponto fundamental para a continuidade das ações da EcomAmor.

Nesse sentido, a partir de nossa relação de proximidade, por voluntariado em ações, e interesse no trabalho da EcomAmor, propomos, nesse trabalho, pensar a formação de sujeitas políticas no feminismo (ou ainda seu reconhecimento externo), a solidariedade entre mulheres, a proposição coletiva de novas formas de ocupar a cidade, e novas formas de construir a produção de alimentos e de as concepções de 'natureza' pensadas desde, e graças a, agroecologia. Para a realização desse relato trazemos como arsenal uma escrita coletiva e conjunta as gestoras do EcomAmor mesclada com entrevista e acesso a documentação das ações do grupo.

¹ Relatos de experiências populares.



A EcomAmor na produção de hortas urbanas e sua manutenção

Fundada em outubro de 2016, a EcomAmor foi pensada por Jordana Mendonça como um espaço de ação coletiva para suprir sua vontade de articulação do tema “segurança alimentar”, após ter elaborado uma dissertação sobre o tema. Logo depois, a articulação avançou com seu envolvimento em um grupo de produção de orgânicos da cidade de Goiânia-GO através de um pedido de indicação de local ocioso para implementação de uma horta urbana (MENDONÇA; CHARLABOPOULOS; MORAES; 2019).

Registrada em 2017, embora já em atividades desde 2016, a EcomAmor se constitui juridicamente enquanto associação privada no formato de ONG (Organização não Governamental), e hoje é uma entidade que atua na implementação de hortas em praças e locais públicos em Goiânia e em municípios próximos, tendo como foco a promoção e manutenção desse trabalho de forma coletiva e voluntária (MENDONÇA, 2019)

A EcomAmor tem uma estrutura de organização entre diretoria e grupos de trabalho de pessoas que já trabalharam nas atividades da ONG. Os grupos de trabalhos são divididos entre logística, manutenção, captação de recursos, comunicação, gestão de gente, eventos, técnico, financeiro e indicadores de resultados. Esses grupos de trabalho, coordenados por voluntários fixos, são reabastecidos a cada nova horta no intuito de que a população local, e mais próxima, participe das formações das hortas e atue em sua manutenção. Em 2016, sua diretoria, a princípio mista, era composta por mulheres e homens e, conta desde 2017 com quatro mulheres: Jordana Mendonça, Melina Charalabopoulos, Bárbara Moraes e Rayana de Almeida, dentre as quais entrevistamos e citamos nesse trabalho Bárbara Lopes Moraes, Jordana Carlos de Mendonça, Melina Repezza Charalabopoulos e Rayana Ribeiro de Almeida. São essas mulheres que coordenam as ações e toda a equipe da instituição que conta atualmente, em 2019, com sessenta voluntárias e voluntários ativos (MENDONÇA; MORAES, 2019)

Desde 2016, a ONG já desenvolveu mais de quarenta ações na cidade, seja com a implementação de hortas seja com cursos ou vivências de aperfeiçoamento no conhecimento agroecológico. Parte das ações de formação acontecem graças a parcerias locais e internacionais e, por financiamento coletivo, já que a captação de recursos via editais não tem sido utilizada pelo grupo como uma metodologia de sua permanência. Nesse sentido, várias atividades e ações foram garantidas por parcerias com a Associação para o desenvolvimento da agricultura orgânica de Goiás (ADAO-GO), grupos de troca de experiência em mídias digitais como o *WhatsApp* de agroecologia do estado, o Subsistema Integrado de Atenção à Saúde do Servidor Federal (SIASS - IFG), o Centro de cultura Brasil e Estados Unidos (CCBEU) e o Young Leaders of Americas Initiative (YLAI - EUA), que propiciou um intercâmbio profissional com a ONG americana Growing Gardens, de Portland-OR, para Jordana Mendonça (MENDONÇA; MORAES; CHARLABOPOULOS, 2019).

Jordana, Barbara e Melina (2019) apontam que é graças a parcerias do grupo com essas redes, ou pessoas pontuais nesses espaços, e participantes voluntários, que a EcomAmor consegue os insumos e materiais para plantação, bem como a logística de transporte dos materiais, e a indicação de implementação das hortas, que têm sido realizadas em parceria com escolas locais e praças em que



tenham pessoas chave na sua continuidade até a promoção de editais de inscrição com chamadas abertas.

Até agora já foram mais de vinte e três hortas urbanas implementadas na cidade com acompanhamento e formação continuada de algumas delas. Dentre esses espaços, se destaca a horta do Centro Socioeducativo (CASE) de Goiânia, criada nessa unidade em junho de 2018 e destinada ao atendimento de adolescentes que praticaram atos infracionais e estão em cumprimento de medida socioeducativa de internação. A princípio, o objetivo da horta do CASE Goiânia se restringia ao autoconsumo, porém devido à ampliação desse espaço produtivo, foi avaliado que a horta tinha capacidade de produzir alimentos também para comercialização, sua área atual é de aproximadamente 187m². Estima-se que 200 pessoas, entre adolescentes internos e funcionários da instituição, se beneficiam diretamente dessa horta, que é cuidada por, ao menos, 15 dessas pessoas, o que atesta o comprometimento da comunidade, fundamental para a continuidade da horta (ECOMAMOR, 2019).

Segundo as diretoras, o desafio da ONG para 2019, se encontra no ponto de fornecer um trabalho que se integre à comunidade de forma mais orgânica, para que a manutenção das hortas aconteça com maior participação comunitária local. Com uma equipe predominante de participação de mulheres, a formação das diretoras é em áreas mistas de conhecimento, como direito, psicologia, história, arquitetura e cursos de formação em agroecologia, seu ponto forte de união. Jordana (2019) aponta que a princípio seu embasamento era feito na produção e promoção de orgânicos, mas foi substituído pela agroecologia graças a uma identificação maior. Melina (2019) afirma ainda que a agroecologia é a fonte sustentadora de suas ações, por transformar a visão das pessoas ao se relacionarem com a natureza e com a cidade de outras maneiras possíveis.

Com a maior parte da participação de voluntárias nos grupos de trabalho, mais de 40 das integrantes são mulheres, e na coordenação, completamente gerida por mulheres, o estudo da EcomAmor é importante no sentido de apontar que a participação de mais mulheres nessa perspectiva de hortas urbanas, na gestão de alimentos e nas vivências pela agroecologia, indica o aumento da participação de mulheres, enquanto sujeitas políticas, para uma transformação cotidiana e de visão de mundo. Desenvolveremos essa questão pensando a solidariedade feminista e seu potencial de transformação radical societário, desde redes informais até o constante surgimento e fortalecimento de mulheres em atividades transformadoras.

METODOLOGIA

Esse artigo foi escrito em parceria com as diretoras do EcomAmor, e com sua participação. Procuramos, através da observação participante, devido ao nosso interesse sobre o tema, construir conjuntamente essa reflexão sobre as sujeitas políticas no feminismo e na agroecologia, utilizando como técnicas a realização de entrevistas, da escrita coletiva com a EcomAmor e, do estudo de documentos e



publicações da ONG nos meios sociais do *facebook*, *instagram*, e seu *blog*².

Essa pesquisa, de cunho colaborativo e documental, foi realizada no intuito de evidenciar a imersão e a capacidade de um grupo de mulheres, que “atua em um espaço-tempo onde a capacidade de agir se faz concreta”, tal como conceitua Danièle Kergoat (2014) sobre sujeita política, e sua capacidade emancipatória. Através dessa capacidade de integrar a comunidade com a agroecologia é que analisamos como essas mulheres propõem um modelo alternativo de subsistência frente a configuração que o capitalismo impõe sobre a alimentação nas cidades. Nesse sentido localizamos nossa análise e teorização nos estudos das Ciências Sociais, decoloniais, feministas e, dos estudos-subalternos trazendo alguns conceitos que aparecem nas falas e nas práticas da EcomAmor. Nossa análise teórico-metodológica se deu principalmente por meio das desconstruções presentes nas falas e ações das participantes do EcomAmor.

O primeiro conceito, e desconstrução é sobre a ideia de ‘local’. Ou seja, por mais que fazer hortas coletivas e gratuitas possa ser apenas uma ação local pontual em uma cidade, ela passa a ser pensada, na EcomAmor, não apenas como uma ação regional, esta é ampliada em uma proposta de desconstrução que articula o local-global desde a inferiorização da natureza, do campo, e das mulheres.

Essa desconstrução acontece de forma primordial, sobre a separação conceitual e ontológica entre natureza e cultura e, natureza e humanidade, quando as ações da EcomAmor questionam o papel da humanidade como dominadora e implementam uma postura de conexão e reconhecimento da terra, flora, fauna, e seus bens. Situam-se, assim, os locais do plantio e da alimentação, como distantes e privatizados para a retomada de uma consciência desde sua produção.

A desconstrução é ainda mais potente no questionamento sobre a separação entre campo e cidade e, no caso da EcomAmor, tem obtido maior visualização por meio da solidariedade comunitária, principalmente entre mulheres, no qual o trabalho e sua conexão com a agroecologia ganham apontamentos de descrição do agir como ‘amar’ e semear amor. A partir disso discutimos categorias sobre local-global, natureza e formação do sistema capitalista, pensando a formação e solidificação de um pensamento colonial inferiorizante, racista e sexista e, na resistência de grupos, buscando, a partir de estratégias como a adoção da agroecologia, novas formas de pensar e novas vivências na relação de trabalho com a terra e com a natureza e na solidariedade entre mulheres.

Relações de solidariedade, produção de novas economias e novas formas de ver / viver natureza

A subjugação da ‘natureza’ e, sua separação e hierarquização ao ‘humano’, tal como sua nomeação, tem sido estudada, ao longo de décadas, por vertentes feministas, estudos subalternos, étnico-raciais e decolonialistas, como uma das propostas de saber-poder mais danosas à própria humanidade.

² Domínios das mídias sociais da EcomAmor : <<https://www.facebook.com/ecomamor/>>; <<https://www.instagram.com/ecomamor/>> ; <<http://ecomamor.com.br/blog/>> ;



Isto por ser, especialmente utilizado, como embasamento social, político e ideológico para hierarquização, escravização e inferiorização entre humanos e entre 'humanos e natureza'.

Em um dos textos mais conhecidos e divulgados sobre a temática no Brasil, Sherry Ortner (1979) afirma a solidificação do pensamento de que “está o homem para cultura, assim como a mulher para natureza” e, se vale desta afirmação como base para a subjugação das mulheres, e da natureza, em distintas sociedades. Segundo a autora, existe a comum subordinação das mulheres em diversas sociedades a partir da “identificação [e] comparação, das mulheres com o que há de inferior nas culturas”, assim o comum inferior, generalizado em distintas sociedades, é a “natureza” (ORTNER, 1979).

Caberia, então, à cultura “desenvolver, dominar, melhorar e usar a natureza para benefício próprio de autopromoção”, pois a cultura significa a “consciência humana e suas tecnologias”, e para a natureza coube o significado de “meio externo”, a serviço dessa “dominação e transformação” (ORTNER, 1979). Desta forma, tal como a natureza, estariam as mulheres sob a dominação das tecnologias e do masculino.

Essa proposta é retomada e ampliada nas obras de muitas autoras e autores, em especial, Carolyn Marchatn (1989) e Silvia Federici (2004), ao abordarem essa questão afirmando que a base de sustentação do sistema capitalista está nessa relação de subordinação da natureza e sua identificação com mulheres, populações negras e populações de países não-ocidentais e terceiromundistas. A base da argumentação de Federici (2004) diz respeito ao “ódio a mulheres” instituído pela construção de “sua identificação com a natureza, como bruxas e das populações indígenas como bons selvagens”, durante os séculos XV ao XIX, marcando o início e fortalecimento do sistema capitalista (FEDERICI, 2004).

Para essa autora a construção das 'mulheres como bruxas', na Europa, é pautada na perda de autoridade delas enquanto sujeitos políticos importantes na decisão coletiva, principalmente das mulheres mais velhas, na perda das populações ao direito e uso de terras, marcado por sua privatização aos reinados, clérigos, e demais pessoas de posse e, por fim, estaria interligado, também, à subordinação de populações indígenas, e de outros continentes, como bons selvagens a serem dominados. A acumulação de terras e bens aconteceu graças, e a partir, da exploração de pessoas e seus trabalhos, sendo justificada em crenças de cunho hierarquizante e aniquilador (FEDERICI, 2014), não apenas desde a idade média com a criação das “bruxas e do *caliban*”, mas foi fortalecido a partir do sistema de colonização e permanece atuante como parte do sistema monetário atual (FEDERICI, 2004).

Esse período, marcado com o começo do capitalismo, tem no confronto e na exploração entre culturas um fator preponderante, sendo seu marco a época dos descobrimentos, ou melhor, da colonização, como produção do mundo que conhecemos hoje e das atuais polarizações de poder-saber solidificadas em nosso sistema de crenças, economia e sistema de leis. Ou seja, a crença em: natureza x cultura, ocidente x oriente, público x privado, individual x coletivo, campo x cidade, homem x mulher, branco x negro, não indígena x indígenas, racionalidade x sentimentos, dentre tantas outras dualidades do mundo globalizado que nós situamos grande parte do poder-saber, das práticas de conhecimento e das práticas de poder.



Aníbal Quijano (2005) analisou a formação do sistema capitalista, bem como a ordem de globalização atual, como resultante e operadora da 'colonialidade do poder-saber', a formação de uma estruturação global baseada na classificação racial hierarquizante em que o selvagem, o dominável e explorável são de populações não-europeias. Sendo em si a representação das todas essas populações, junto a mulheres, são o não ser (DUSSEL, 1994), aquilo que pode ser dominado, controlado e melhorado. São a natureza. Walter Mignolo (2003) nomeia essa classificação social como resultado da 'diferença colonial', um conceito que explica a recorrência em nomearmos o mundo com as populações indígenas e negras constantemente reordenadas em um pólo de inferiorização. A partir dessas autoras e autores é possível apontar que, por mais complexas que sejam as articulações do racismo, do sexismo e da exploração monetária, nos diversos países e situações, seus caminhos estão interconectados em diversos momentos do espaço e têm em comum sua identificação com o que chamamos 'natureza'.

O lugar de destaque do que se tem nomeado de natureza na história da ciência e da política recentes, e predominante na Europa, se deu por sua inferiorização, e sua descrição de um bem a ser dominado e explorado. E nesse sentido, foram construídos mais como natureza e menos como consciência ou cultura, aqueles e aquelas que poderiam ser explorados e utilizados na exploração dessa natureza.

A força dessa narrativa de polos opostos separa campo e cidade de forma que, cada vez mais, o mundo, a vida e suas atividades básicas, como comer, dormir, ter saúde, e descansar, são atividades comercializadas e silenciadas como controláveis e até mesmo desnecessárias (CRARY, 2014). A plantação e concepção de hortas agroecológicas nas cidades é um movimento contrário e de resistência a esse mundo, que retoma categorias básicas para vertentes feministas do campo sobre soberania alimentar e seus princípios em saber da procedência dos alimentos, cultivados sem agressão desnecessária ao meio ambiente e apostando no mínimo de intervenção e manipulação para o máximo de conhecimento local do meio dessa produção. A agroecologia, uma proposta de vida sustentável, tem em seu cerne o questionamento a dominação da natureza e pode ser um local de resistência de mulheres, tal como tem sido na EcomAmor.

As narrativas de poder-saber, lidas como concepções de respeito a natureza, não por acaso tem seu expoente em populações indígenas e do campo, e em países em que essas populações têm maior representatividade. A luta por direitos da natureza e pelo bem viver, ainda que não tão recentes, têm ganhado maior força e caminham em conjunto com a agroecologia. A perda do campo para cidade, ou a polarização desses dois espaços, representa também a perda do contato com o que seria a natureza, os rios, as terras, o plantio. Por vezes, se é a terra, o campo, que sustentam as cidades, a maior parte das populações mundiais desconhece conceitos e práticas sobre soberania alimentar, agricultura familiar, e agroecologia, a apresentação de projetos coletivos que respaldam essas práticas é o ponto forte da EcomAmor apontado por Melina e Jordana (2019).

Mas essa desconstrução e a continuidade das ações tem sido possibilitada, em grande escala, graças aos laços de amizade e solidariedade entre a rede de voluntários e de mulheres. Jordana (2019) aponta que a ONG passou a funcionar de forma mais efetiva desde que a gestão se tornou totalmente de mulheres pela relação de decisão coletiva que elas têm em compatibilidade. Mas o que poderia ser apenas



uma 'amizade ou entrosamento de trabalho' é antes sobre a criação de laços de identificação entre mulheres, e identificação de sua luta para transformação social. Nesse sentido é fundamental a essas sujeitas políticas femininas que a forma de 'gestão e política' seja coletiva e tenha como relevante a relação de convivência entre as pessoas e o 'semear amor' como prática de suas ações.

Nesse contexto de atuação da ONG, ainda que a palavra 'amor' possa parecer romantizada ou desmereça a atuação, ela, ao contrário, traz como provocação a desconstrução da 'consciência de dominação'. A inclusão de sentimentos, desejos, e transformação social como parte objetiva da vida, da ciência, do saber, e do trabalho, são apontados por Alison Jaggar (1997) como parte da realidade cotidiana ocultadas por ideias de 'neutralidade e descomprometimento'. Por séculos a neutralidade e o afastamento tem gerado posturas de arrogância e exploração da natureza e dos distintos grupos sociais. Trazer a categoria de afeto para produção de projetos com plantio tem se mostrado como uma resistência e desconstrução de sentidos nos movimentos do campo e camponeses, e principalmente nas organizações de mulheres e feministas.

Por sua vez, a manutenção da EcomAmor por meio das redes, aponta que existe a possibilidade, com potência, do estabelecimento de parceria entre mulheres. Ainda que pensar esses laços entre mulheres seja complexo, pela diversidade de vivências e corporalidades que mulheres representam, e por maior que seja a aversão às mulheres juntas e não em disputa ou conflito (MARTINEZ, 2010). A solidariedade, enquanto disponibilidade de afeto e paciência na construção de laços, tem possibilitado a manutenção e crescimento de sujeitas políticas que mesmo sendo desconhecidos, a princípio, se propuseram a estabelecer relações de fortalecimento e, graças a isso, tem multiplicado o trabalho para uma maior extensão de pessoas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há várias razões para justificar o poder desse movimento na cidade de Goiânia: primeiro, desde quando a EcomAmor foi criada, a visibilidade alcançada por esse esforço alcança números importantes. Suas mídias sociais possuem mais de treze mil seguidores e a procura que a instituição recebe para que pessoas se envolvam no projeto também não é pequena. Na última campanha desenvolvida, a EcomAmor recebeu mais de duzentas inscrições de pessoas interessadas em se tornarem voluntárias do projeto. Isso demonstra como esse projeto político também atua na disseminação de um conceito de sociedade cooperativa que "a tentativa neoliberal de incrementar nossa consciência somente à lógica de mercado" tenta construir (Federici, 2014). Segundo, a EcomAmor tem-se como ponto de partida a união e a solidariedade de mulheres interessadas em intervir na cidade a partir do contexto do campo e da agroecologia. Por isso, várias ações também são levadas ao campo, em contextos fora da cidade, a fim de que as voluntárias e voluntários, e outras parcerias envolvidas, desfrutem da formação de organizações sociais camponesas que representam a importância e o potencial de criar formas de subsistência que privilegiam a soberania alimentar em oposição às relações capitalistas. A última atividade do ano de 2018 foi uma visita, de toda a equipe, à uma fazenda de produção agroflorestal e a outra de produção orgânica



em Hidrolândia, cidade próxima de Goiânia onde se estabeleceu a troca e a vivência desses atores em torno da prática agroecológica.

Existe também uma resistência às formas de financiamento, que se originam de forças políticas ou “representantes políticos”, por serem encaradas como nocivas e incoerentes ao que o grupo almeja. “Não somos afinizadas com nenhum político” (MENDONÇA, 2019). A instituição funciona a partir de financiamentos coletivos, o que também não é recorrente, sendo que a forma de subsistência que ainda prepondera no projeto são as doações de insumos e outros componentes por particulares.

Contudo, no contexto deste trabalho, a perspectiva feminista é fundamental, porque ela começa quando percebemos que essas mulheres se reconheceram como sujeitas principais do projeto a partir da formação da diretoria como ela é agora. Houve algumas tensões vivenciadas na formação dessa nova diretoria, o que não as impediu de identificarem a força motora das ações da ONG depois dessa nova configuração do quadro diretivo. Uma das faces primordiais do projeto é a amizade e a solidariedade entre essas mulheres. Suas concepções em torno da união delas, remonta a ideia “de que exista um equilíbrio de forças de energia que vai acontecendo de uma forma muito orgânica e bonita”, como apontou Bárbara (2019).

Essa solidariedade proporcionou não só a nova formação da direção, como também ressignificou a relação da gestão com as voluntárias e abriu terreno para que os processos e as ações da instituição fossem impulsionadas para novos lugares e ideias. Vários desafios serão, e são, encarados por elas todos os dias nesse exercício de partilha da gestão, principalmente no que concerne a produção e a manutenção das hortas mas, não há dúvida de que a amizade entre elas caracteriza e fomenta as ações da EcomAmor nesse processo de conscientização e de construção coletiva a partir dos preceitos da agroecologia junto à comunidade em que a instituição se insere.

REFERÊNCIAS

BLOG ECOMAMOR. **EcomAmor faz a sua parte**. Disponível em: <<http://ecomamor.com.br/blog/>> Acesso em 29 de janeiro de 2019.

CRARY, Jonathan. *24/7 - Capitalismo tardio e os fins do sono*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

DUSSEL, Enrique. 1492: **El encubrimiento del otro: hacia el origen del mito de la modernidad**. La Paz: Plural Editores/ UMSA. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación Plural Editores, 1994. Apêndices 1 e 2. pag. 55-70.

FEDERICI, Silvia. **O feminismo e as políticas do comum em uma era de acumulação primitiva**. In: MORENO, R. (Org). *Feminismo, economia e política: debates para a construção da igualdade e autonomia das mulheres*. São Paulo: SOF, 2014. p. 145-157.

_____. **El caliban y la bruja: mujeres, cuerpo y acumulación originaria**. Prefácio e introdução. *Traficantes de Sueños*, 2010 [2004].

JAGGAR, Alison. Amor e conhecimento: a emoção na epistemologia feminista. In: JAGGAR, A.; BORDO, Susan R. *Gênero, Corpo, Conhecimento*. Rio: Rosa dos Tempos, 1997, p. 157-185

KERGOAT, Danièle. **Comprender as lutas das mulheres por sua emancipação pessoal e coletiva**. In: MORENO, R. (Org). *Feminismo, economia e política: debates para a construção da igualdade e*



autonomia das mulheres. São Paulo: SOF, 2014. p. 11-21.

MARCHATN, Carolyn. **The death of nature, women, ecology, and the scientific revolution**. Harper & Row, 1989.

MARTINEZ, Pilar R. **Feminismos y Solidaridad**. Revista Mexicana, vol.72, no.3, México jul./sep. 2010.

MENDONÇA, Jordana Carlos de; MORAES, Bárbara Lopes; CHARABOPOULOS, Melina Repezza. Entrevista concedida a Elismênia Aparecida Oliveira e Gabriela Peixoto Vieira Silva. Goiânia, 29 jan. 2019.

MIGNOLO, Walter D. **Histórias locais / Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Trad.: Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

ORTNER, Sherry B. **Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura?** In ROSALDO, Michelle Zimbalist & LAMPHERE, Louise (org.). 1979. A mulher, a cultura e a sociedade, 95-120. (Coleção O Mundo, hoje, 31) Rio de Janeiro: Paz e Terra

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. In: LANDER, Edgardo (org). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires, Colección Sur Sur, 2005.